

DESIGUALDADES REGIONAIS NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DA METADE SUL*

Adayr da Silva Ilha*

Fabiano Dutra Alves*

Luis Hector Barboza Saravia*

RESUMO:

A economia gaúcha vem demonstrando uma grande discrepância regional tanto em termos sociais como em termos econômicos. Nesse contexto, o presente trabalho visa a partir da constituição histórica e da dinâmica econômica do Rio Grande do Sul efetuar alguns esclarecimentos a respeito do processo de desigualdades regionais. Para tanto começar-se á a análise a partir do século XIX, procurando desta forma verificar o ápice destas desigualdades, além de identificar os setores dinamizadores e suas devidas características em cada região, bem como focar o processo histórico do declínio econômico da Metade Sul e seus principais determinantes. Nesta perspectiva alguns resultados obtidos, foram à constatação do latifúndio, do pouco empreendedorismo, e grande conservadorismo dos capitalistas da chamada Metade Sul, sendo este fator determinante da estagnação da região, enquanto que na Metade Norte o desenvolvimento foi calcado em bases capitalistas européias. As conclusões adjacentes ainda nos mostram uma Metade Sul, especializada no setor primário e uma Metade Norte com comércio artesanal ativo e indústrias crescentes no eixo de Porto Alegre, além de pequenas propriedades rurais, e uma agricultura voltada para subsistência, o que sem dúvida, propiciou o grande desenvolvimento desta região. Outros resultados mostram que a baixa densidade demográfica, o mercado limitado e a inexistência de economias de aglomeração ainda são um grande empecilho para o desenvolvimento regional da Metade Sul do Rio Grande do Sul e tornam-se sobremaneira fatores de expulsão de investimentos.

Palavras chaves: Desenvolvimento Regional, Metade Sul, Formação Econômica

* Artigo elaborado a partir da pesquisa financiada pela FAPERGS, sob o título “A necessidade de uma política regional comum no Mercosul”, tendo apoio científico do Núcleo de Estudos Multidisciplinar do MILA.

* Profº Adjunto do Curso de Ciências Econômicas

* Acadêmico do Curso de Ciências Econômicas-

* Acadêmico do Curso de Ciências Econômicas-

Introdução:

Atualmente a chamada Metade Sul do Rio Grande do Sul, apresenta-se como uma região em profundo processo de estagnação, inclusive enquadrado em programas de desenvolvimento regional, em âmbito nacional ¹.

No contexto das desigualdades regionais, a Metade Sul apresenta uma situação ímpar no Estado, onde as estruturas produtivas são totalmente diferentes da Metade Norte do Rio Grande do Sul. No decorrer da evolução histórica, o desenvolvimento da Metade Sul delineia-se, numa região onde predomina a pecuária e posteriormente a lavoura de arroz, o que denota esta área como predominantemente agrária.

Já o processo histórico de desenvolvimento, da Metade Norte revela uma sociedade caracterizada por pequenas e médias propriedades que foram a base para a presença de indústrias e conseqüentemente das grandes concentrações urbanas.

Dentro deste amplo processo de desigualdades regionais por que vem passando o Rio Grande do Sul, será situado no tempo e no espaço a constituição da dinâmica econômica do Estado, começando a análise a partir do século XIX, passando pela economia charqueadora, que era a mola propulsora do setor econômico do Rio Grande do Sul, até chegar na inserção industrial da economia gaúcha que hoje é uma das mais bem aparelhadas do Brasil.

Assim, tendo como referência o processo histórico de estagnação da Metade Sul, este artigo pretende, de uma forma muito breve, discutir: a) o contexto das desigualdades regionais no Estado; b) o aprofundamento das desigualdades regionais na Metade Sul; c) o processo de inserção dos setores produtivos na economia gaúcha e como eles determinaram esta situação atual de desigualdades regionais.

Por fim é apontado algumas razões para a existência desta incrível discrepância entre as Metades do Rio Grande do Sul e principalmente faz-se um chamado, para toda a sociedade, (empresários, governo, Universidade, órgãos de pesquisa e demais instituições) a fim de que propiciem possíveis formas de reconversão para a economia da Metade Sul, pois caso contrário a tendência é o processo gradual e contínuo de estagnação.

¹ Programa de Fomento e Reconversão Produtiva da Metade Sul do Rio Grande do Sul, (RECONVERSUL), com recursos alocados do BRDE, (linha de crédito do BNDES).

1 O Contexto das Desigualdades Regionais no Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul da atualidade é constituído, fundamentalmente por três grandes regiões, sendo a primeira, por ordem cronológica de formação, o sul caracteristicamente agrário, constituído de forma aproximada, pelas áreas ao sul dos rios Jacuí e Ibicuí.

Nessa região predominam a grande propriedade, a pecuária e a lavoura do arroz, adotando uma metodologia que é usada para designar esta região com toda sua problemática sócio-econômica que historicamente vem ocorrendo no contexto desta parte do Estado, se chamará esta região de Metade Sul.

Outra região é a norte, também predominantemente agrária, (compreende grosso modo a área do planalto), é caracterizada pelas pequenas e médias propriedades. É uma região muito heterogênea, onde a produção inicialmente diversificada cedeu espaço para as lavouras mecanizadas de trigo e soja.

A última região é a nordeste, que se caracteriza pela presença de vários setores industriais, juntamente com grandes concentrações urbanas².

Esta região é constituída pelo eixo Porto Alegre – Caxias do Sul e por algumas áreas no seu entorno, onde forma o parque industrial que gradualmente deslocou a agricultura e assumiu o papel hegemônico na base da economia local.

Essas duas regiões (norte e nordeste), se enquadram na chamada Metade Norte do estado do Rio Grande do Sul, que ao longo do tempo apresenta um processo de crescimento e desenvolvimento econômico, bem superior à média estadual.

Para que se verifique melhor o processo diferenças entre a Metade Sul e a Metade Norte, Sul, a análise parte do ponto onde a Metade Sul era a região de maior dinamismo da economia do Estado, pois ela articulava-se com a economia do centro do país através do fornecimento de charque, alimento consumido pelos escravos e pelas camadas mais pobres das populações urbanas.

Sobre isto Alonso e Bandeira (1990, p. 71) colocam que “O charque viabilizou economicamente a efetiva ocupação do território gaúcho e ajudou a construir a prosperidade de Pelotas, núcleo onde se encontrava o maior número de charqueadas, e de Rio Grande, porto

² Essa concepção de regiões foi retirada de Almeida (1990, p. 70-71). A economia gaúcha e os anos 80.

através do qual o produto era exportado, que eram os principais centros urbanos da região Sul”.

O ciclo do charque ainda fez com que se consolidasse a área da campanha, (região que faz fronteira com o Uruguai), onde provinham os animais para o abate.

Conforme Fonseca (1983, p.57) “A nossa indústria mais rendosa, a que produz mais para o Estado e para os particulares é a do charque; mas é certo que é uma indústria transitória”.

A sociedade constituída pela pecuária e pelo charque na Metade Sul caracterizava-se pela concentração da propriedade e da renda, existindo um reduzido número de assalariados, já que a pecuária não exigia grande contingente de mão de obra.

Nesse período de apogeu da indústria do charque, a Metade Norte era a região mais atrasada do Estado, sendo que algumas porções do Alto Uruguai só vieram a ser ocupadas na segunda metade do século XIX, e a capital do Estado Porto Alegre, tinha funções predominantemente administrativas.

Mas com a prolongada crise do setor pecuário, que teve início nas primeiras décadas do século XX, as charqueadas e posteriormente os frigoríficos da Metade Sul foram incapazes de sustentar um processo de crescimento e mesmo introduzir alguma diversificação.

Os limites da capitalização da economia charqueadora, o baixo nível tecnológico da pecuária gaúcha – que obrigava uma criação de caráter extensivo, mais a tradição escravocrata que impedia a adoção do trabalho assalariado na sua forma mais moderna, fizeram com que as crises fossem constantes em função da concorrência com os países do Prata, onde o governo estimulava o avanço tecnológico, (com cuidados veterinários, cercamentos, confinamentos, etc), além de há muito tempo, terem adotado a mão-de-obra assalariada. (Engevix, 1997, p.7)

Desta maneira, delineava-se então, o quadro que viria a se tornar uma das características principais da configuração espacial da economia gaúcha.

Conforme aponta Alonso e Bandeira (1990, p. 74) “Um Norte mais dinâmico e economicamente mais diversificado e um Sul de crescimento lento e de estrutura produtiva mais especializada”.

Em parte essas diferenças podem ser explicadas pelo assentamento dos imigrantes na Metade Norte, que contribuíram para explicar as taxas mais elevadas de crescimento que eram apresentadas por esta região, isto porque, esta imigração criou uma sociedade bastante distinta

da Metade Sul, por que nela existia a pequena propriedade privada, aliada a uma agricultura diversificada, gerando assim uma distribuição de renda menos concentrada.

O padrão mais concentrado de assentamento rural resultava, além disso, em uma densidade demográfica muito maior, sendo que a rede urbana era constituída por um número grande de pequenos centros situados a pequena distância uns dos outros.

A este respeito Andreoli (1989, p. 102) diz que “O resultado foi um crescimento extensivo da produção agrícola e artesanal com base na pequena produção familiar rural produtora de bens agrícolas e artesanais, refazendo-se assim, com razoável grau de aproximação à via histórica de desenvolvimento do capitalismo europeu (...)”.

A variável imigração, parece ter sido um dos fatores determinantes, destas desigualdades regionais que assolam a Metade Sul, isto por que, a partir de 1890 a população da Metade Norte cresce sempre em patamares superiores a Metade Sul.

Essa relação da taxa de crescimento populacional teve reflexos na participação de cada região, no total da população do Estado, como demonstra a Tabela 1.

TABELA 1 - População total e participação de cada Metade no total do Estado 1890-2000

Anos	população			Participação%	
	M. Norte	M. Sul	Total	M. Norte	M. Sul
1890	415.681	481.774	897.455	46,32	53,68
1900	526.944	622.126	1.149.070	45,86	54,14
1920	1.142.268	851.100	1.993.368	57,30	42,70
1940	2.115.910	1.204.779	3.320.689	63,72	36,28
1950	2.755.862	1.408.959	4.164.821	66,17	33,83
1960	3.713.793	1.735.030	5.448.823	68,16	31,84
1970	4.730.042	2.025.416	6.755.458	70,02	29,98
1980	5.628.926	2.144.911	7.773.837	72,41	27,59
1991	6.749.086	2.389.584	9.138.670	73,85	26,15
2000	7.012.367	3.169.382	10.181.749	68,87	31,13

Fonte: Núcleo de Indicadores Sociais/FEE, Anuário estatístico do RS 1998/FEE, Relatório Engevix 1997.

Através dos dados apresentados, pode-se notar claramente o declínio da participação populacional da Metade Sul a partir de 1890. Desde a República Velha (1889-1930), a região manteve uma contínua queda da participação no total da população do Estado. Entre 1890 e 1991, enquanto o Sul decaiu de uma concentração superior a 53% para pouco mais de 26%, o

Norte avançou de uma participação de 46,32 % para quase 74%. Somente com a inserção da região do Corede Litoral é que a população da Metade Sul conseguiu alcançar os trinta pontos percentuais da participação da Estado, fato que não acontecia desde a década de 1960.

Diversos e variados foram os fatores que levaram a essa retração na participação populacional da Metade Sul. Da mesma forma, em sentido oposto, a expansão da Metade Norte do Estado decorreu pela soma de vários aspectos. Todavia eles estão ligados sem sombra de dúvida, às questões conjunturais da dinâmica demográfica, sendo assim Bandeira defende que as diferenças de crescimento populacional das regiões do Estado a partir de 1890,

(...) decorreram da ação conjunta de diversos fatores, cuja influência é difícil de distinguir de forma precisa. Dentre eles, os principais parecem ter sido as migrações internas e o padrão de assentamento dos imigrantes oriundos do exterior que entraram no Rio Grande do Sul a partir das últimas décadas do século passado, embora se possa cogitar da ocorrência de diferenças regionais quanto à fertilidade, à mortalidade e à nupcialidade. (Bandeira, 1994 p. 11).

Durante o período salientado, como os assentamentos de imigrantes nas terras gaúchas estavam por finalizar, este foi o principal movimento de alteração demográfica que derivou das migrações internas entre as regiões. Essas migrações que ocorreram em épocas distintas e por motivos e processos diferenciados, em nenhum momento proporcionaram uma elevação da população no Sul do Estado.

Ainda sobre este assunto Bandeira (1994, p.12) defende que “A continuidade da imigração oriunda do exterior foi, portanto um dos fatores que contribuiu para fazer com que o crescimento demográfico nas regiões Norte e Nordeste fossem maior do que na região Sul, principalmente nas primeiras décadas do século XX”.

A partir de 1950, parece ter cessado as migrações para a Metade Norte, pois grande parte de seu território já havia sido ocupada pela agropecuária colonial. Iniciou-se, nesse momento, um movimento emigratório no sentido de outros estados, onde ainda existia abundância de terras, que foram sucessivamente ocupadas por gaúchos.

Esse movimento populacional foi o primeiro processo de migrações internas, que resultou da expansão da fronteira agrícola para a zona Oeste da Metade Norte, até então não

ocupada, e para o Oeste catarinense, impulsionado pelo que Jean Roche chamou de enxamagem³.

Roche (1969, p. 360) diz que “A subdivisão da pequena propriedade entre os co-herdeiros chocava-se depressa com os próximos limites, traçados pela impossibilidade de alimentar mais homens em terras cujo rendimento baixava rapidamente. A emigração dos excedentes da população campesina fazia-se, pois necessária”.

Esse rápido crescimento entre as famílias campesianas que resultou da diminuição das fronteiras agrícolas, nas zonas coloniais, levou os mais jovens a buscar terras cultiváveis em outras zonas do Estado e fora dele.

Iniciou-se a partir de 1890, um crescente movimento emigratório no sentido de outros estados, onde ainda existia abundância de terras. Foram, dessa forma, sucessivamente ocupadas por gaúchos e na maioria oriundos dessa mesma região Norte, onde se reproduzia o fenômeno da enxamagem – extensas áreas agrícolas pioneiras no país, como por exemplo, o Oeste de Santa Catarina e do Paraná, partes do Mato Grosso do Sul, do Mato Grosso, de Rondônia e do sul do Pará. (Bandeira, 1994, p. 14).

Desta maneira, o processo de migração que estava ocorrendo, começava a evidenciar a principal causa da perda de participação populacional da Metade Sul, que era a incapacidade da região em se adequar às novas exigências econômicas e sociais do século XX.

Esta falta de dinamismo em termos populacionais, também pode ser associada com a estrutura demográfica da Metade Sul, onde havia uma urbanização precoce e uma base econômica essencialmente agropecuária, enquanto que na Metade Norte o grau de urbanização foi sempre muito inferior, exceção da área mais industrializada do Estado, onde se situava Porto Alegre.

Esta perda de dinamismo regional evidenciada nos indicadores populacionais da Metade Sul pode ser explicada pelo conservadorismo dos proprietários de terras, que não diversificavam a produção, concentrada na pecuária extensiva e rizicultura.

A preferência pelo ganho certo, e pela segurança são marcas do caráter pouco diversificado da economia e da agropecuária da região, e em grande parte este comportamento conservador dos empreendedores locais, embora obedeça a uma lógica microeconômica, foi

³ Termo utilizado por Jean Roche para explicar e exemplificar a forma e a amplitude das migrações rurais de descendentes de imigrantes alemães.

responsável pela estagnação dos mercados locais e a conseqüente perda do dinamismo regional no confronto intercapitalista.

Segundo relatório da Engevix (1997, p. 23) “Essa lógica que vem distanciando de forma crescente o desempenho econômico da Metade Sul frente às demais regiões do Rio Grande do Sul, precisa, portanto ser enfrentada a partir do estímulo à mudança na cultura regional”.

Com relação à estrutura demográfica, a Metade Sul teve uma urbanização precoce enquanto que sua base econômica continuou sendo essencialmente a agropecuária, ocorrendo assim uma incapacidade das estruturas econômicas urbanas em reter a população local.

Por outro lado a Metade Norte, uma região que foi fundamentada em pequenas propriedades rurais, onde se destaca o setor secundário, com base na manufatura, bem como uma agricultura voltada para subsistência, os problemas causados pela urbanização precoce, que ocorreram na Metade Sul, não foram encontrados nesta região.

A diferença, no entanto é que na Região Nordeste a urbanização foi, na maior parte do período, concomitante a um processo de rápido crescimento industrial, que gerava oportunidades de emprego para os migrantes oriundos das zonas rurais. Na Região Sul, ao contrário, o reduzido crescimento da indústria fez com que fosse muito menor a oferta de postos de trabalho nas cidades. Não sendo capazes de gerar empregos suficientes, os centros urbanos da Região Sul passaram, paulatinamente, a expulsar parte de sua população, que migrou em busca de oportunidades em áreas mais dinâmicas. (Bandeira, 1994, p. 15).

Estes fatores, imigração, urbanização, e fim do intercâmbio comercial com centro do país, começam a demonstrar que a região hoje enquadrada como Metade Sul precisava de um direcionamento em termos produtivos, ou uma inserção econômica nos novos moldes capitalistas, fato que passar-se-à a verificar por que não aconteceu.

2. O Aprofundamento das Desigualdades Regionais na Metade Sul

O surgimento da indústria reforçou o quadro de desigualdades do Estado, os empreendimentos manufatureiros que se localizavam em Rio Grande, pela facilidade maior de acesso aos mercados do centro do país, onde destinava maior parte da produção. Todavia não conseguiram ser bem sucedidas, pela sua situação pouco favorável em termos de acesso ao mercado e ao abastecimento de algumas matérias primas.

Já no final do período da República Velha (1890-1930), pode-se notar as transformações de toda a economia nacional, a partir da redefinição das antigas articulações dos mercados regionais, ou seja, vão surgindo as mudanças que farão com que enfraqueçam as economias regionais em proveito de uma economia de nível nacional com a criação, a expansão e a hegemonia do capital industrial.

A política econômica imprimida pelo governo federal estimulava o surgimento de aglomerados industriais lastreados, de um lado em indústrias de base e de outro pela proximidade de mercados com potencial de consumo.

Para Andreoli (1989, p. 105) “(...) determinados ramos comerciais, industriais e mesmo agrícolas perdem posição ou desaparecem diante da maior capacidade de competição de outros situados fora do Rio Grande do Sul. As regiões ou municípios do Estado que se sediavam essas atividades vêm-se diante da perspectiva de estagnação e mesmo de retrocesso”.

Apenas as atividades econômicas que tiveram melhores condições de desenvolvimento, principalmente as atividades industriais que se situavam na região metropolitana e no eixo Porto Alegre/Caxias do Sul, lograram sucesso neste processo de concorrência da economia nacional.

A economia de aglomeração⁴ que se instalou nas proximidades da capital dos gaúchos, foi sem dúvida um dos principais fatores de inibição, e por que não de atrofiamento do desenvolvimento da Metade Sul, isto por que, reduzia a capacidade de competir daquela região e como consequência à participação da Metade Sul no processo de industrialização também reduziu.

A este respeito, Engevix (1997, p. 8) diz que “Cidades da Metade Sul que dispunham de parques industriais relativamente competitivos, como é o caso de Pelotas e Rio Grande, e viram a região Nordeste expandir-se e diversificar-se, enquanto assistiam o definhamento de suas atividades industriais”.

A maior expansão e diversificação industrial da Metade Norte, que contrastava à época com o baixo crescimento manufatureiro na Metade Sul, explicam-se não apenas pela

⁴ As aglomerações industriais que oferecem vantagens para implantação de novas empresas, desencadeando uma dinâmica própria de crescimento. As empresas que chegam se beneficiam do ambiente industrial criado pelas indústrias já instaladas.

transferência de capitais do comércio de produtos agrícolas coloniais para a indústria, (movimento não visto na Metade Sul), mas principalmente pela estrutura dos mercados consumidores das duas regiões, onde a Metade Norte apresenta uma renda menos concentrada e a Metade Sul em contra partida tem índices com alta concentração de renda.

As áreas coloniais mais densamente povoadas e com uma distribuição de renda mais igualitária, apresentavam um mercado mais amplo e adequado para manufaturas simples, (...). O Sul, com sua concentração renda e com uma população mais dispersa, contava com um mercado menos propício para sustentar a continuidade de uma industrialização baseada na produção de bens de consumo corrente, de pouca sofisticação, com empreendimentos voltados essencialmente para mercados locais. (Almeida 1990, p. 75).

A comparação com o desempenho da Metade Norte mostra, de forma clara, o baixo dinamismo da economia da Metade Sul, principalmente a partir das primeiras décadas do século XX, começa a evidenciar-se, esta contínua perda de dinamismo na região, em contraste com o crescimento acelerado da outra parte.

Tendo como base à organização de séries estatísticas permanentes, que começam a partir de 1939, pode-se observar melhor a participação da Metade Sul no Produto Interno do Estado, bem como seu comportamento sensivelmente declinante entre os anos de 1939–1999, que podem ser visualizados através das informações da Tabela 2.

Tabela 2 – Participação percentual de cada Metade no Produto Interno do Estado (1939-1999):

Regiões	1939	1949	1959	1970	1980	1990	1999
Metade Norte	61,67	69,94	70,54	76,03	78,60	82,30	82,73
Metade Sul	38,33	30,06	29,46	23,97	21,41	17,70	17,27
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Gabinete da Metade Sul, Secretaria da Fazenda do RS, Alonso (1994, p. 35) e (www.Terragaucha.com.br).

Estes dados demonstram a queda da Metade Sul no que diz respeito à produção gaúcha, que em 1939 alcançava 38,33% e ao longo do tempo só foi diminuindo sua participação, chegando a níveis inferiores a 20% do total do Estado, sendo 17,7% em 1990.

Mesmo com a implementação do programa Reconvertul, um programa de desenvolvimento do BNDES, em termos gerais o produto interno bruto da Metade Sul não passou dos vinte pontos percentuais, atingindo apenas a marca de 17,27 pontos percentuais no ano de 1999, conforme indica os dados da secretaria da Fazenda do Rio Grande do Sul e o

estudo de Klering (2001) sobre o desempenho econômico da Metade Sul e Metade Norte do Rio Grande do sul.

Conforme a Tabela 2 a Metade Norte apresenta uma economia que se realiza na concentração urbano industrial e nesse mesmo período a região expandiu sua participação de 61,67% do Produto Interno Bruto do Estado para mais de 82% do produto interno.

Não se pode deixar de mencionar que a Metade Norte vem ao longo do período abordado, conseguindo, manter ao mesmo tempo o crescimento do PIB, aliado ao desenvolvimento sócio-econômico.

A partir destes dados pode-se fazer uma inferência que não só do ponto de vista econômico, mostra a perda de importância da Metade Sul no contexto estadual no começo dos anos 40, contudo outras informações colhidas no período de 1920-1940 permitem afirmar que este período também tenha sido muito desfavorável para a região.

Conforme Bandeira (1994, p.17) “A participação da região Sul no total da população economicamente ativa (PEA) do Estado caiu de 41,86% para 33,49% entre 1920-1940. Em 1950 esse valor passou para 31,17%”.

Para uma melhor abordagem sobre esta profunda perda de dinamismo da Metade Sul, será feita uma análise dos condicionantes que determinaram a ascensão de um setor produtivo e por outro lado à queda de um setor antes propulsor da economia gaúcha.

3. A Pecuária X Indústria

As dificuldades que atingiram a pecuária, setor que tradicionalmente caracterizou a Metade Sul pela sua ampla predominância⁵, sempre acompanharam o desenvolvimento econômico da Metade Sul.

Diversos fatores, como a inadequação dos solos para vários tipos de cultivo, o grande distanciamento dos centros consumidores, a insuficiência dos meios de transporte e a excessiva concentração da propriedade das terras em imensos latifúndios, condicionaram em certo sentido a pouca diversificação do setor primário.

⁵ Deve-se lembrar que desde cedo, surgiram algumas pequenas lavouras (chácaras) nas vizinhanças das cidades maiores, voltadas para o atendimento do mercado urbano local. Nas estâncias antigas, parece ter sido bem rara a ocorrência de lavouras de qualquer tipo.

Do ponto de vista desta pouca diversificação, do setor primário, apenas a lavoura conseguiu um acerta ascensão, principalmente a lavoura do arroz.

Sobre o cultivo do arroz Fraquelli (1979, p. 324) coloca que “Visto a partir da perspectiva do proprietário de terras o arrendamento para o cultivo do arroz rapidamente passou a caracterizar-se como uma alternativa segura, isenta de riscos, para o aumento da receita”.

A carência de produtos e a falta de alternativas para os produtores, como foi salientado vem de longo tempo e teve papel determinante na caracterização da Metade Sul, tanto em termos econômicos, sociais, bem como políticos.

(...) traço histórico-econômico fundamental é a estrutura fundiária caracterizada pela concentração da posse da terra, formada a partir das sesmarias doadas nos últimos tempos do período colonial (.....) . Pode-se afirmar que dessa estrutura fundiária decorrem, em última análise, outros aspectos que caracterizam a sociedade local até o presente, como a concentração da renda, os centros urbanos esparsos, a reduzida densidade da população rural e o predomínio da pecuária.(Alonso e Bandeira, 1994, p. 224)

A soma destes fatores foi determinante para influenciar na renda interna da agropecuária, conforme mostra a tabela 3.

Tabela 3 – Participação relativa da Metade Sul e da Metade Norte no total da renda interna da agropecuária (RIA) e no valor adicionado fiscal da agropecuária (VAFA) no período de 1959-1999.

Regiões	RIA				VAFA			
	1959	1970	1975	1980	1985	1990	1995	1999
Metade Norte	66,2	66,8	64,9	60,9	61,5	61,2	57,9	58,0
Metade Sul	33,8	33,2	35,1	39,1	38,5	38,8	42,1	42,0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Núcleo de Contabilidade Social da FEE e Secretaria da Fazenda –RS, Alonso (1994).

Sobre os dados da tabela 3, deve-se considerar, no primeiro momento (1959-70) a produção agropecuária regional que cresceu a taxas praticamente iguais à média do Estado, mantendo a sua participação relativa em torno de 33% ao longo da década, situação distinta ocorreu em (1970-80), onde a agropecuária regional apresentou taxas mais elevadas que o resto do Estado. Num terceiro momento (1980-90), a agropecuária da região apresentou desempenho oscilante. (Alonso, 1994).

Vale ressaltar que o arroz, que se tornou o principal produto da Metade Sul, se disseminou por toda Região, tornando-se o principal produto da agropecuária sulina.

Conforme Alonso (1994, p. 53) “Tal como a lavoura, a pecuária regional apresenta um leque relativamente pequeno de produtos, fato que representa no longo prazo, uma limitação à formação de níveis mais elevados de renda, na medida em que fica caracterizada uma estrutura produtiva quase – monocultura”.

No período de 1980-1990 o setor agropecuário da Metade Sul apresentou um desempenho oscilante que agora passou a ser medido pelo VAFA, (Valor Adicionado Fiscal Agropecuário). Já no período que vai de 1990 a 1999 o VAFA alterou o seu trajeto, tendo como seus índices respectivamente 42,1 e 42 pontos percentuais para a Metade Sul. Pode-se constatar que na década de noventa os índices da Metade Sul tiveram uma sensível melhora, provavelmente pelo grande nível de recursos alocados pelo Reconvertul para esta região e os diversos incentivos para o setor agroindustrial⁶.

No seu agregado total (1959-1999) o setor primário foi declinante tanto em termos de produtividade como em termos de geração de renda. Pode-se dizer que no apanhado geral o período, não foi bom principalmente no que diz respeito à renda interna da região e ao VBP agrícola que não se desenvolveu mediante as bases de produção capitalista.

Com este diagnóstico que a Metade Sul vem apresentando, fica evidente a sua tendência de perda de dinamismo econômico e de desenvolvimento.

Conforme Klering (2001, p. 8) “Principalmente em função da boa produção do arroz, importante cultura da região, a chamada “metade sul” do Rio Grande do Sul conseguiu manter sua participação no PIB do Estado.”

Se não fosse a boa produção do arroz no último ano estudado a região manteria a queda em termos de participação no produto agropecuário do Estado. Mas em termos absolutos de produção o próprio Klering (2001) constatou a baixo percentual de participação da Metade Sul no produto interno do Rio Grande do Sul.

Este processo declinante em que se encontra a Metade Sul, tem como perfil limitador, o fato de que os produtos da agropecuária têm uma pequena gama de variedades como, por exemplo, a carne bovina, lã e arroz em um primeiro plano, leite, soja, trigo em um segundo

⁶ Incentivos como FUNDOPEM, constituição de pólos regionais de desenvolvimento, Atenção especial para pequenos e médios produtores e inclusão do fundo de desenvolvimento regional no plano plurianual do Estado. (Gabinete da Metade Sul).

plano. Isto acarreta um limite ao crescimento, o que dificulta a inserção da Metade Sul no que diz respeito às atividades agropecuárias e aos novos rumos que estão surgindo com os mercados cada vez mais globalizados e protegidos.

A não ser em determinadas circunstâncias ou por demandas inesperadas do comércio internacional que ocasionam alguma alteração nos preços dos produtos da Metade Sul.

Sobre estas dificuldades Alonso (1994, p. 55) coloca que “(...) não houve aqui as transformações modernizantes ocorridas em outras áreas similares no Estado e no país”.

Essas transformações de que se refere Alonso são hoje os traços fundamentais das desigualdades regionais no Rio Grande do Sul, refletindo em aspectos sócio econômicos o desleixo com que a Metade sul foi tratada no que diz respeito ao investimento em bases produtivas.

Quanto às disparidades existentes no setor industrial, elas saltam aos olhos já no final do século XIX.

Neste momento a Metade Norte destaca-se com Porto Alegre, enquanto que na Metade sul se sobressaia Pelotas e Rio Grande.

Cabe lembrar que, havia também diversos estabelecimentos manufatureiros de pequeno e médio porte, localizados especialmente na região colonial.

Se compararmos a estrutura industrial de Porto Alegre no fim do século, com a de Rio Grande e Pelotas verificamos uma diferença notável. Em Rio Grande por exemplo, há sobretudo grandes estabelecimentos e poucos ramos (tecelagens, charutos, conservas alimentícias, moinhos e curtumes). Já em Porto Alegre há diversidade maior na estrutura industrial; além de ramos encontrados em Rio Grande, existe na capital fabricação metalúrgica, de calçados, de vidro e de confecção de roupas. (Singer, 1977, p.173).

No que tange a diversidade de produção, fica notório a evolução gradativa do Norte, com ramos industriais mais diversificados, por outro lado os ramos industriais do Sul não conseguem adaptar-se ao mercado e suas novas dinâmicas.

No entendimento de Paul Singer (1977) “Esta diversificação maior reflete a diferença entre o mercado da indústria de Porto Alegre (procura penetrar no mercado da zona colonial) e de Rio Grande (procura alcançar o mercado nacional)”.

Em relação ao mercado local nota-se que a Metade Sul sempre enfrentou muitos obstáculos, tais como: um mercado consumidor reduzido, concentração de renda e pouco poder aquisitivo da população.

Para dificultar ainda mais a situação desta região, as principais cidades, Rio Grande e Pelotas, apresentam um atendimento ao centro do país, colocando a posteriori o seu mercado consumidor regional.

A respeito dos obstáculos ao mercado local Bandeira (1994) coloca que em primeiro lugar a atividade que se constituía, indiscutivelmente na base da Metade Sul – a pecuária – já há algum tempo havia reduzido sua taxa de expansão, acarretando um crescimento lento na região.

Além disso, a distribuição de renda, devido ao latifúndio era bastante mais concentrada do que na Metade Norte, onde predominavam pequenas e médias unidades produtivas.

Para piorar a situação, os maiores centros da Metade Sul⁷ tinham grande parte da população urbana pobre, formada por descendentes de escravos ou por antigos peões de estância, apresentando baixo poder aquisitivo.

Conforme Bandeira (1994, p. 25) “O mercado do Sul, portanto, não era particularmente favorável para o surgimento de uma indústria diversificada, voltada para o atendimento da demanda da região”

A diversificação da indústria do Norte continuava aumentando, confrontando-se com a concentração da indústria, em poucos ramos, existentes na Metade Sul.

A diferença quanto ao nível de diversidade era tanta que, por conseguinte, o número total de estabelecimentos industriais também acabou aumentando em maior grau na Metade Norte do que na Metade Sul. Porto Alegre alcançou o número de 1.082 fábricas em 1937. No mesmo ano os municípios sulistas de Pelotas e Rio Grande somados dispunham de apenas 220 estabelecimentos industriais (Verschoore, Filho, 2000).

Contudo a falta de uma diversificação industrial na Metade Sul e o diminuto porte de seu mercado interno, não seriam os únicos parâmetros, para se calcar o declínio do setor industrial.

A diferença estrutural também se constituiu em um fator determinante desse menor dinamismo da Metade Sul.

A literatura existente a respeito da industrialização do Rio Grande do Sul, aponta ainda, outras diferenças importantes(...). Uma delas refere-se ao mercado de trabalho, que, na capital seria bem abastecido por elementos egressos das regiões coloniais vizinhas, em contraste com a região Sul onde a mão de obra seria menos abundante. (Bandeira, 1994, p. 26).

⁷ Cidades como: Pelotas, Rio Grande, Bagé, Santana do Livramento, Santa Maria e Uruguaiana.

Como se não bastasse estes fatores, estruturais mencionados acima, pode-se considerar decisivo para o menor percentual de crescimento do setor industrial da Metade Sul a rede de transportes precária, e a falta de capital para investimentos.⁸

No entendimento de Bandeira (1994, p. 26) “A estrutura da rede de transportes do Estado, no início do século, favorecia o crescimento das indústrias de Porto Alegre, que se voltavam para o mercado regional, em estabelecimentos localizados em Pelotas e Rio Grande”.

Outro aspecto importante foi o fato de que a condição de capital do Estado trazia para Porto Alegre diversas vantagens infra-estruturais, não encontradas nos demais centros urbanos gaúchos. A sede do governo estadual nessa cidade servia como impulsor de melhorias estruturais e para a introdução de novas tecnologias mais rapidamente na capital do que no restante do Estado.

Assim Porto Alegre com sua melhor estrutura e aliada a proximidade com o governo estadual, teve melhores condições para dinamizar e ao mesmo tempo servir de atração para novos investimentos no setor industrial, tanto na sua região denominada, grande Porto Alegre, como em cidades vizinhas.

Verschoore Filho (2000, p. 80) entende que “A agilidade da capital gaúcha em desenvolver sua estrutura pode ser facilmente notada pela análise de seus sistemas de comunicação, energia e transporte”.

Todas estas diferenças estruturais que favorecem a indústria da Metade Norte, não podem ser consideradas como uma completa explicação, para o maior crescimento percentual da região.

Caso a Metade Sul formasse um entorno sócio-econômico realmente competitivo, a própria evolução do setor industrial trataria de corrigir e executar as melhorias infra-estruturais, que fossem necessárias, dinamizando a Metade Sul e possibilitaria inclusive a atração da mão-de-obra, ocasionando desta maneira migrações inter-regionais na direção dos centros sulinos.

⁸ A falta de capital para investimentos conforme Bandeira (1994) era determinada em última análise pela reduzida capacidade de acumulação da pecuária e dos segmentos a ela ligados, e de empreendedores na área

O declínio da Metade Sul em termos de industrialização, produção agropecuária, bem como no somatório do produto dos setores produtivos, encontra melhor explicação na falta de respostas da região frente às barreiras que foram impostas ao seu processo de desenvolvimento neste último século, além do pouco empreendedorismo da região.

Por fim, assinala-se que os próprios capitais industriais já estabelecidos na Região Sul com raras exceções, não foram capazes ou não tiveram potencialidade suficiente para promover a consolidação, mediante expansão, dos ramos agro-industriais já existentes (caso da carne e da lã), nos quais parecem ter perdido a competitividade. Muito menos foram capazes de promover a diversificação do parque industrial, aproveitando a relativa expansão do mercado interno na fase ascendente do ciclo, nem o crescimento do comércio internacional nos anos 60 e 70. (Alonso, 1994, p. 58).

Na Tabela 4 pode-se verificar uma leve tendência de melhora no setor industrial, que certamente obteve este desempenho através de diversos mecanismos de fomento e crédito (Reconversul), o que levou os negócios da região Sul a se aproximar de 20 pontos percentuais, valor ainda muito baixo para uma região que já foi à mola mestra da economia do Sul do país.

Tabela 4 – Participação percentual de cada Metade no Produto Industrial do Estado no período (1939-1999)

Regiões	1939	1949	1959	1970	1980	1990	1999
Metade Norte	65,4	72,7	74,4	86,5	84,7	87,6	81,6
Metade Sul	34,6	27,3	25,6	13,5	15,3	12,4	18,4
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Alonso (1994, p. 36), Núcleo de Dados Sócios Econômicos da FEE e Anuário Estatístico do RS-2001/FEE.

Os dados analisados mostram que a partir do final da década de 30, tornou-se cada vez menor a importância da indústria na região Sul no âmbito do Rio Grande do Sul.

Ao analisar o PIB deste setor nota-se no período posterior a 1959 que o declínio foi bastante significativo, chegando a se manter uma redução do produto industrial quase que constante. Fato explicado pelo pouco dinamismo do setor secundário da região e carência de alternativas de desenvolvimento industrial e principalmente pouca iniciativa no que diz respeito ao empreendedorismo.

Como mencionado anteriormente somente no período de 1999 houve um acréscimo no PIB deste setor.

O fato de a Metade Sul ser calcada em seu processo histórico de industrialização, em ramos industriais considerados tradicionais, proporcionava uma menor capacidade de crescimento à região, talvez este seja um fator determinante deste declínio.

Os ramos tradicionais em geral produzem bens cuja demanda tem baixa elasticidade-renda, o que significa dizer que, mesmo em períodos de prosperidade econômica, o consumo destas mercadorias aumenta a taxas menores do que as taxas de aumento da renda em geral. Isso confere a regiões com esse tipo de estrutura industrial menor capacidade de crescimento do que as outras regiões que possuem parques manufatureiros mais diversificados, com a presença de indústrias de bens de capital, de bens de consumo duráveis ou de bens intermediários. (Alonso, 1994, p. 56).

Desde então este quadro de desigualdades tanto no setor primário quanto no setor secundário permanece e inclusive tem piorado. A saída para estes setores na Metade Sul é diversificar a base produtiva e fomentar ainda mais as atividades que propiciam uma renda à região.

4. Conclusão:

A conclusão a cerca das discrepâncias regionais do Rio Grande do sul sua evolução, problemas que a determinaram e os que ainda a determinam, indicam que a Metade Sul vem perdendo gradativamente sua posição em termos sociais e econômicos.

Neste artigo identifica-se que a partir da crise do ciclo do charque o processo de declínio toma proporções cada vez maiores, diminuindo respectivamente sua população, sua renda, suas indústrias, sua importância no setor primário, enfim uma decadência total da região.

Verificou-se que após o ciclo do charque, a Metade sul não teve capacidade para lançar-se em outro ciclo, nem mesmo efetivar-se no processo de industrialização.

Através dos dados populacionais, e de produto, pode-se inferir que o processo de declínio desta região encontra-se em um estágio contínuo e prolongado, tanto em termos sociais como em termos econômicos, fato que torna extremamente necessário uma alternativa de reconversão.

No que tange aos setores produtivos, nota-se uma baixa produtividade industrial na Metade Sul e principalmente a falta de incentivos, por outro lado a Metade Norte evolui a passos largos, o que aumenta ainda mais o contraste destas regiões no Estado. No setor primário se identifica a pouca variedade de produtos, o espírito pouco empreendedor, a falta de inovação tecnológica e o que é pior um sentimento de acomodação que resulta na estagnação deste setor produtivo.

Portanto as causas do declínio, contínuo e prolongado da Metade Sul se interligam a pouca dinâmica da região⁹, e em contrapartida há uma crescente ampliação da concentração em torno de Porto Alegre e Caxias do Sul, devido às economias de aglomeração e pela grande infra-estrutura da Metade Norte em termos de organização de parques produtivos.

Desta maneira, se nenhum, esforço for feito para reestruturar a base produtiva e a base social da região, a região que inclusive buscou a separação do Estado, continuará fadada a este atraso inadmissível.

É por isso que se deve realizar ações e intervenções de todos os níveis governamentais, de instituições de pesquisa, empresariado e universidades na perspectiva de propiciar uma possibilidade de reconversão desta região, seja com ações combinadas, com sistemas locais de produção, crédito rural mais específico e diversas e variadas formas de desenvolvimento, que acima de tudo tem que ser pensadas a longo prazo e visando o desenvolvimento contínuo da região.

Para encerrar vale lembrar que é necessário, investimento maciço na educação e principalmente na pesquisa em todos os sentidos para que assim se possa resgatar a auto estima individual e coletiva do povo, propiciando para as empresas, instituições públicas e demais instituições uma sociedade que busque vencer e se desenvolver acima de tudo e que assim qualquer objetivo que se pense para a região seja atingido, mostrando que é possível superar adversidades quando o povo esta preparado para enfrentá-las.

⁹O processo produtivo não propicia um investimento inovador no conjunto regional, a estrutura social impede a formação de um ambiente ideal para a adoção de um ambiente ideal para adoção de atividades empreendedoras e inovadoras. (Verschoore Filho, 2000).

Referências Bibliográficas

- ALONSO, José A. F.; BENETTI, M. D.; BANDEIRA, P. S. **Crescimento econômico da região Sul do Rio Grande do Sul : Causas e perspectivas**. Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser. Porto Alegre, 1994.
- ALONSO, José Antônio Fialho. **Evolução das desigualdades inter – regionais de renda interna no Rio Grande do Sul: 1939 – 70**. Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser. Porto Alegre, n.9, 1986.
- ALMEIDA, Pedro Fernando Cunha de. **A economia gaúcha e os anos 80: uma trajetória regional no contexto da crise brasileira**. Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser. Porto Alegre, 1990.
- ANDREOLI, Dejalme. **As desigualdades regionais do Rio Grande do Sul**. IN: Indicadores FEE, V.17, N.2, Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1989.
- BNDES. **Programas regionais (PAI, PNC, PCO e Reconversul)**. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br>>. Acesso em: 13 jun.2001.
- ENGEVIX. **Plano de reestruturação econômica para a Metade Sul do Rio Grande do Sul – Relatório final**. Engevix Engenharia s/c ltda.1997.
- FRAQUELLI, Jane Aita. **A lavoura capitalista do arroz e a crise de 1926**. In: DACANAL, j. H., GONZAGA, S. RS: economia & política. Porto Alegre: Mercado aberto, 1979.
- KLERING, Luis Roque. **Análise do desempenho econômico dos municípios do RS em 1999**. *Revista Análise*. Porto Alegre: PUC RS, 1º Semestre de 2001.
- _____. **PIB dos Municípios Gaúchos**. Disponível em <<http://www.Terragaucha.com.br>> Acesso em: 20 Fev.2001
- ROCHE, Jean. T. **A colonização alemã e o Rio grande do sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Nacional, 1977.
- SCHUCH, Luiz Henrique. **Reconversul** <<http://www.Scp.rs.gov.br/gabmetadesul>>. Acesso em: 15 Dez..2001.

UFSM. **Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses – MDT/Universidade Federal de Santa Maria**. 5. ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, PRPGP, 2000.

VERSCHOORE FILHO, Jorge Renato de Sousa. **Metade Sul: Uma análise das políticas públicas para o desenvolvimento regional do RS**. Dissertação (Mestrado em administração pública). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL 2001. Secretaria da Coordenação e Planejamento. Fundação de Economia E Estatística Siegfried Emanuel Heuser.